

A lei da força ou a força da lei?

A guerra da Ucrânia é um confronto entre o princípio imperialista de que as grandes potências têm o direito de estabelecer “esferas de influência” e submeter as outras potências, nessa esfera, a uma soberania limitada, e o princípio democrático de que as nações têm direito a escolher os seus destinos ou, como diz a carta das Nações Unidas, os povos têm o direito a dispor de si próprios.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 18 de Maio de 2022

O que está em causa na Ucrânia é muito mais que a Ucrânia. O que está em causa é a ordem internacional e a segurança europeia. A guerra da Ucrânia é um confronto entre duas ordens de princípios. Primeiro, um confronto de natureza política entre o autoritarismo e a democracia. Segundo, mais do que isso, um confronto entre uma ordem internacional baseada na força e outra baseada na lei. Entre o princípio imperialista de que as grandes potências têm o direito de estabelecer “esferas de influência” e submeter as outras potências, nessa esfera, a uma soberania limitada, e o princípio democrático de que as nações têm direito a escolher livremente os seus destinos, ou como diz a carta das Nações Unidas, os povos têm o direito a dispor de si próprios.

É esse o confronto que está em causa. De um lado, a Ucrânia que com todas as imperfeições está a construir uma democracia e escolheu um destino europeu. E, do outro, Putin que quer impor pela força a sua esfera de influência e manter a Ucrânia na órbita da Rússia e do autoritarismo. O último século foi o da derrota do imperialismo e dos grandes impérios. Depois da I Guerra, o colapso dos impérios alemão, austro-húngaro, russo e otomano. Depois da II Guerra, o fim dos impérios coloniais, inglês, francês, holandês e, finalmente, o português. Depois da Guerra Fria, o colapso do império soviético.

Ora, Putin não convive bem com o fim dos impérios, como não convive bem com a ordem internacional baseada em regras e instituições, em que as soberanias não se violam e as fronteiras não se alteram pelo uso da força. Não aceitou a descolonização do império soviético. Chamou-lhe o maior desastre geopolítico do século XX. E, agora, quer reconstruir o império dos czares. Mas os impérios colidem, hoje, frontalmente com a ordem internacional. E é por isso que Putin quer rever e é o primeiro dos revisionistas. Não é por isso indiferente quem ganha esta guerra. Disso depende o futuro da ordem internacional: se assenta na força da lei, ou pelo contrário, se assenta na lei da força. É por isso que Putin não pode ganhar esta guerra.

Mas está em causa, também, o futuro da segurança europeia. Até à invasão da Ucrânia era impensável o regresso da guerra convencional à Europa. Não se registava desde a II Guerra e muitos acreditavam-na banida para sempre. Mas depois do 24 de Fevereiro tudo mudou. Regressou o espectro da ameaça territorial e a síndrome da invasão. E o medo, que está a mudar toda a arquitectura de segurança na Europa. Mudou, primeiro,

o princípio da indivisibilidade da segurança europeia, isto é, de que não havia segurança europeia sem Rússia dentro. Mudou em França e mudou, sobretudo, na Alemanha: a Rússia ficará doravante fora da ordem de segurança europeia. Mudou, em consequência, o rearmamento da Alemanha, o que não é coisa pouca. E mudou, finalmente, a posição dos neutros. Finlândia e Suécia cuja neutralidade era parte integrante da sua identidade nacional entendem, agora, que a adesão à NATO é a melhor forma de garantir a sua segurança.

E tudo isto tem, forçosamente, impacto na relação transatlântica e na integração europeia. Na relação transatlântica, porque, apesar de a prioridade americana continuar a ser o indo-pacífico, os EUA continuarão empenhados na Europa. E porque a NATO se reforça e se relegitima: ganha uma ameaça real, recentra-se na missão original da defesa colectiva e pode vir a alargar-se à Escandinávia. Na integração europeia, porque, para a Europa, em matéria geopolítica, chegou ao fim a idade da inocência. Os europeus perceberam que terão que pagar mais pela sua defesa. Mas não é só uma questão de dinheiro. É também a do seu próprio modelo. E uma coisa é certa: esta é a oportunidade de construir um exército europeu no quadro da aliança atlântica.

Putin queria alterar a ordem de segurança europeia para a condicionar e afastar a NATO das suas fronteiras. Conseguiu, de facto, alterar a ordem europeia, mas em sentido contrário: foi excluído da ordem de segurança e, se o alargamento escandinavo se concretizar, terá a NATO mais próxima das suas fronteiras. Não está a ganhar no plano militar e está a perder no plano político. Não pode ganhar a guerra, mas não deve ser humilhado. O que coloca ao Ocidente um duplo desafio. No plano da guerra, evitar a escalada militar: um confronto directo com a NATO ou o uso da arma nuclear. No plano da paz, encontrar a solução diplomática que permita uma saída aceite pelo agressor sem nunca premiar a agressão.

<https://www.publico.pt/2022/05/18/opiniao/opiniao/lei-forca-forca-lei-2006555>